BAPTISTA, Marta Rossetti. *Anita Malfatti no Tempo e no Espaço*. São Paulo. IBM. 1986. 190p. ilust.

Profundamente comprometida em legitimar no campo das artes o Projeto da Modernidade — baseado no culto indiscriminado à Razão, à Ciência, ao Progresso e ao Novo — a História da Arte “oficial” do Século XX vem privilegiando sistematicamente os artistas que de alguma maneira adequaram suas produções aos ditames desse Projeto que em última instância preocupava-se em estabelecer uma nova realidade para o homem do nosso Século, extremamente diferenciada daquela existente até então.

Artistas, movimentos e/ou tendências que se opunham a esse Projeto de maneira categórica — como Van Gogh, os Expressionistas alemães, Pollock e outros — foram estudados por essa História da Arte apenas na medida em que se opunham à realidade preexistente, e não em relação às profundas críticas que faziam a essa Modernidade de caráter evolucionista.

Esses artistas foram instrumentalizados por essa Ideologia Moderna, que se utilizou de seus poderes corrosivos apenas para ajudá-la a abrir caminho, destroçar as barricadas da Tradição, esquecendo-se deliberadamente de prestar atenção às fissuras que essas mesmas correntes apontavam em sua carcaça compressor.

Devidamente instrumentalizados por essa Ideologia Moderna na História da Arte foram também os artistas que apenas circunstancialmente tangenciaram o Projeto Moderno no decorrer de suas trajetórias e/ou que se engajaram por breve período nas correntes que — ao mesmo tempo — contestavam tanto a Tradição quanto a própria Modernidade.

Neste sentido, até poucos anos atrás, artistas como De Chirico, Picabia, Boccioni, Malevitch e outros tinham sido estudados apenas nos momentos em que suas produções coincidiam com os interesses da Modernidade, por estarem adequados a seu ideário e/ou por discutirem — como ela — a Tradição.

A produção posterior desses artistas — quando eles próprios de al-

guma maneira (e pelas mais variadas razões) deram as costas à Modernidade mais radical para se voltarem para a Tradição — jazia “esquecida” pela História da Arte, só vindo à tona na década passada, quando a partir de mostras retrospectivas completas (sobretudo no caso dos artistas italianos) foi possível redimensionar a significação real desses artistas para a arte do Século XX, sem mais a lente distorcida do ideário moderno.

Logicamente esse redescobrimto de De Chirico, Picabia e outros artistas, vistos agora sob outro ângulo, está aliado a todo um questionamento que a produção artística hodierna vem fazendo em relação à Arte Moderna e à Tradição. Definitivamente falido — para alguns — o Projeto Moderno, é chegada a hora de vasculhar na História da Arte recente (ou remota, tanto faz) produções artísticas, enfoques estéticos, rearticulações estilísticas que até então tinham sido soterradas pela necessidade de se construir uma História da Arte evolucionista, positiva, que se tornou mestra em velar com deliberação todos os “recuos” que seus eventuais seguidores ousaram perpetrar.

É neste contexto de revisão radical dos mitos modernos que a publicação do livro *Anita Malfatti no Tempo e no Espaço*, de Marta Rossetti Batista, ganha uma atualidade inquestionável. A autora, não compactuando com a História da Arte “oficial” brasileira (igualmente repleta de preconceitos modernos), analisa a obra de Malfatti não apenas em seu tangenciamento com os postulados modernistas, mas sim em toda a trajetória da artista.

Em sua dissertação de mestrado “Anita Malfatti e o Início da Arte Moderna no Brasil” (defendida na ECA-USP em 1980), onde a autora estudou a produção de Anita Malfatti até a Semana de 22, embora visse apenas o período “moderno” da artista, já era possível notar no contexto da monografia o interesse da pesquisadora em *entender* de fato o “recuo” da artista em relação aos postulados das vanguardas do início do Século, ao invés de *julgar* os passos posteriores de Malfatti, baseada em critérios da crítica moderna.

Essa necessidade de *entender* ao invés de *julgar* fez com que a autora, inclusive, já em sua dissertação, procurasse com bastante sabedoria deslocar a responsabilidade do “recuo” de Anita Malfatti da crítica de Monteiro Lobato para as contingências da própria vida da artista: notadamente sua situação familiar e profissional.

Esse enfoque projetou novas luzes sobre a artista, na medida em que Marta R. Batista se viu obrigada e estender sua análise para a vida pessoal e profissional de Malfatti, não se detendo apenas no estudo de sua obra. Como resultado produziu uma dissertação onde a vida e a obra da artista caminham paralelamente, uma justificando a outra.

Já no seu livro *Anita Malfatti no Tempo e no Espaço*, a autora amplia esse enfoque por toda a vida de Malfatti, analisando minuciosamente e isenta de predisposições “modernas”, tanto os momentos em que a artista paulista buscou o “original”, o inusitado de uma expressão individual (suas fases alemã e norte-americana — as mais “modernas”), quanto às fases em que Malfatti buscou o “originário” de sua ar-

te, ou seja, a tradição da pintura — através de seu contato com Pedro Alexandrino, ou, mais tarde, por exemplo, com os pintores do Grupo Santa Helena —, em seu período de “declínio”.

Evidenciando esse caráter dicotômico da trajetória de Anita Malfatti — a busca do “original” e do “originário”, do “inusitado” e do “já visto”, da “ruptura” e da “tradição” — Marta Rossetti Batista coloca-se como a primeira historiadora da arte no Brasil a desenvolver um trabalho onde — ao contrário de seus antecessores — os recuos, as incertezas, mudanças de seu objeto de estudo não são obliterados por nenhum ranço ideológico, por nenhuma necessidade datada de montar um percurso pretensamente uniforme e sem vacilações.

Esse enfoque coloca a possibilidade de vermos Anita Malfatti como protagonista de sua própria vida, optando conscientemente pelos rumos de sua trajetória artística, motivada sem dúvida pelas circunstâncias de seu meio, mas longe da visão moderna e pouco respeitosa que prevaleceu até pouco tempo, considerando-a apenas como uma “sensitiva” influenciável, sem vontade própria, incapaz de arbitrar sobre os caminhos de sua arte.

Por outro lado, o livro de Marta sobre Anita faz renascer o interesse do público sobre a artista, na medida em que esse livro se insere na grande revisão das vítimas da Modernidade.

Se — como escreveu certa vez Renato Barilli — o “cadáver incômodo” de Giorgio De Chirico recolocado através de uma grande retrospectiva no contexto da arte conceitual da década passada, reforçou o início do processo de revisão e mudança da produção artística e da própria História da Arte internacional, é de se esperar que, agora que Marta R. Batista também colocou, através de seu livro, o cadáver incômodo de Anita Malfatti em sua plenitude, outros pesquisadores também passem a exumar radical — e não mais parcialmente — outros cadáveres de nossa História da Arte, como Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti e outros, pois só assim teremos uma visão real da obra desses artistas.

Afinal, por que esse constrangimento em mostrar que os grandes nomes da nossa primeira vanguarda recuaram frente ao Projeto Moderno? Como as mais recentes pesquisas internacionais vêm demonstrando, eles não estão sozinhos. No “outro Olimpo” da História da Arte do Século XX, esses artistas estão acompanhados por De Chirico, Boccioni, Picabia, Carrà Severini, Malevitch, Rodchenko e outros.

Domingos Tadeu Chiarelli

BATISTA, Marta Rossetti. *Bandeiras de Brecheret*; história de um monumento (1920-1953). São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, 1985. 148p.

A concepção, construção, inauguração e repercussão na arte e na manipulação política do monumento-símbolo da Cidade de São Paulo — o das Bandeiras — dissecadas em seus mínimos detalhes, é trabalho